



SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR DO MÉDIO PARNAÍBA LTDA - SESMEP.

FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA – FAMEP.

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO COMENIUS – ISEC.

LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FABRÍCIA DIAS GOMES

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
EM CAXIAS-MA NOS ANOS DE 2000 A 2010**

TERESINA/PI
2014

FACULDADE DO MÉDIO PARNAÍBA - FAMEP
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FABRÍCIA DIAS GOMES

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
EM CAXIAS-MA NOS ANOS DE 2000 A 2010**

Monografia apresentada a Faculdade do Médio
Parnaíba – FAMEP como requisito exigido para
a obtenção do grau de Licenciatura em História.

TERESINA/PI

2014

G633r Gomes, Fabrícia Dias

História e memória das quebradeiras de coco babaçu em
Caxias – MA nos anos de 2000 a 2010 /Fabrícia Dias Gomes . -
Teresina: FAMEP, 2014, 37 fls.

Trabalho para conclusão do curso de Licenciatura Plena em
História da Faculdade do Médio Parnaíba.

1. História do Brasil
2. História do Maranhão
3. Cultura popular

CDD 981.

FABRÍCIA DIAS GOMES

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DAS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU
EM CAXIAS-MA NOS ANOS DE 2000 A 2010**

Monografia apresentada a Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP como requisito exigido para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovada em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Msc. Carla Daniela Alves Rodrigues - Orientadora
Faculdade do Médio Parnaíba – FAMEP

Prof.^a Msc. Cristina Cunha de Araújo
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

Prof. Ms. Paulo Ricardo Muniz Silva
Faculdade do Médio Parnaíba - FAMEP

TERESINA/PI

2014

Aos meus pais, ao meu esposo e as minhas irmãs que sempre me deram força, carinho, amor e pelo companheirismo deles que me deram estímulo para seguir em frente com os meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu Deus que é o grande responsável por defender-me e proteger-me de tudo de ruim e por me dar conforto nos momentos difíceis, por andar sempre comigo, por ser a base de tudo e por não desistir de mim, quando peço por atos, palavras e pensamentos.

A Deus, que é para mim o caminho, a verdade e a vida. O caminho porque só ele é quem me leva para os melhores caminhos da vida e me livra das ultrapassadas do inimigo. A verdade porque é através da verdade que o homem segue seu caminho para o encontro com Deus.

Aos meus pais Francisco Almeida Gomes e Arcângela Bernardo Dias Neta, pelo carinho, amor, respeito, força, por estar me apoiando e me ensinando a dar valor a família, aos amigos e ao próximo.

Agradeço as minhas irmãs Letícia, Kalene e Patrícia pela força, ajuda, carinho, amor enfim por torcerem sempre por mim. Agradeço ao meu esposo Charles dos Santos pela força, carinho, amor, compreensão e confiança, pelo companheirismo que sempre recebo dele, por estar me apoiando e dando incentivo para não desistir dos meus sonhos, pela cumplicidade e pelo diálogo e bons momentos que temos um com outro.

Aos meus amigos e amigas que não são poucos principalmente minhas amigas de turma: Francisca Augusta, Antonia de Jesus, Valdirene de Sousa e aos outros que não cito neste agradecimento, mas que fazem parte da minha vida.

Agradeço também aos meus tios e tias, aos meus padrinhos e madrinhas, minhas cunhadas, e em especial meu sogro pela sua ajuda, força e paciência que foi e sempre será bem vinda.

Agradeço aos meus professores que passaram pela minha vida principalmente minha professora e orientadora Carla Daniela Alves Rodrigues pela força, paciência, conversa e incentivo. Também pelo seu jeito meigo e forma de transmitir com clareza seus conhecimentos que com suas conversas e conselhos me fez ver o mundo e o próximo com um olhar melhor.

Agradeço ao meu irmão, primo, amigo e companheiro (Faguim) Francisco Fagner (*in memoriam*), que durante sua vida na terra me deu amor, carinho, força e que perto de Deus, esteja feliz e contente por esta minha grande vitória.

*Quem quiser ver a tristeza
Do jeito que Deus criou
Olha os olhos do menino
Carregando o andor
Lá dentro tem um corumba
Todo enfeitado de flor
A dor batendo zabumba
E dando viva ao Senhor*

*Quebradeira de coco
Babaçu é lá
A dor é um coco ruim de quebrar
A dor é um coco ruim de quebrar*

*Menino assustado no meio do mundo
Busquei refúgio em teus braços
Água de brilho falso
Lamaçal no fundo
Se eu fosse fazer farinha
Que nem você faz sofrer
Não tirava ladainha
Pra Deus não se aborrecer*

Quebradeira de coco ...

*Lá no meu interior
Tem uma coisa que não tem nome
Lá no meu interior
Tem uma coisa que não tem nome
Quando eu dou nome à coisa
A coisa some
Menino que coisa é essa?
Ele me respondeu: "É fome!"*

Quebradeira de coco ...

(Quebradeira de Côco, Roque Ferreira)

RESUMO

O presente estudo consiste em analisar a história e a memória das quebradeiras de coco babaçu em Caxias - Ma, nos anos de 2000 à 2010, apresentando o seguinte problema, quais as condições atuais das mulheres quebradeiras de coco no município de Caxias - MA. O objetivo desta pesquisa é conhecer a história e a memória dessas mulheres que garantiam o seu sustento quebrando coco babaçu e que através dessa atividade construíram as suas histórias. Para tanto, a metodologia constou de pesquisa bibliográfica, bem como a técnica da história oral através do uso da entrevista com mulheres que vivenciaram esse tipo de trabalho. A quebradeira de coco é uma mulher característica de algumas regiões do Brasil. E em nosso contexto o Maranhão, apresenta em seus aspectos socioculturais, essa mulher que tem da quebra do coco a sua subsistência.

Palavras-chave: História. Memória. Mulher. Quebradeira de Coco.

ABSTRACT

The present study is to examine the history and memory of babassu coconut breakers in Caxias - Ma, from 2000 to 2010, with the following problem, which the current conditions of the coconut breakers women in the city of Caxias - MA. The objective of this research is to know the history and memory of those women that ensured their livelihood breaking babassu coconut and that through this activity built their stories. Therefore, the methodology consisted of a literature search, as well as the technique of oral history through the use of interviews with women who have experienced this kind of work. The crash coconut is a woman characteristic of some regions of Brazil. And in our context Maranhão, presents in its sociocultural aspects, this woman has the breaking of coconut subsistence.

Keywords: History. Memory. Woman. Coconut bust.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL: ENTRE TRAJETÓRIAS E DILEMAS.....	12
2 AS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CAXIAS-MA: UM OLHAR SOBRE ESSA ATIVIDADE FEMININA NO MERCADO INFORMAL DE TRABALHO.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS E FONTES.....	31
APÊNDICE.....	33

INTRODUÇÃO

Os babaçuais existentes nas regiões norte e nordeste do Brasil, ocupam dimensões nessas áreas, prevalecendo-se como recursos naturais. Para a extração destes produtos as quebradeiras de coco, mulher provedora de recursos materiais para sua subsistência relacionada ao seu modo de viver, são pessoas imprescindíveis onde apresentam-se babaçuais.

Com cerca de 8 milhões de hectares de babaçuais em seu território, o Maranhão é o estado do Brasil que tem a maior população vivendo da extração do coco babaçu. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) em 2009, foram coletadas 109.299 toneladas de amêndoas de babaçu, sendo que o principal produtor, o Estado do Maranhão, concentrou 102.777 (95%) do total nacional. Sem tecnologias avançadas ou mesmo infraestrutura, o método de beneficiamento maranhense ainda é rudimentar e essencialmente dependente do trabalho manual de mulheres que enfrentam todas as intempéries do ambiente rural.

Hoje, no Maranhão, a extração da amêndoa é feita de forma marginal. O trabalho de exploração da palmeira é realizado, principalmente, pelas mulheres, conhecidas como “quebradeiras de coco”. Entretanto, a maioria delas o número total no Estado, pode chegar a 200 mil - ainda não aproveita todo o potencial econômico do babaçu.

Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a história e a memória das quebradeiras de coco babaçu em Caxias-Ma nos anos de 2000 a 2010. Para tanto, foi de suma importância o diálogo com autoras como Carla Bassanezi (1993), Guacira Lopes Louro (2008), Rachel Sohiet (1997) e Maria Lúcia Rocha Coutinho (1994).

Nessa perspectiva, a metodologia da pesquisa constou de pesquisa bibliográfica desenvolvida com base em material publicado em revistas, jornais, redes eletrônicas, livros, isto é, material acessível ao público em geral sobre o referido tema, bem como o uso da história oral mediante entrevistas com mulheres quebradeiras de coco.

As mulheres que trabalhavam como quebradeiras de coco no período em estudo responderam perguntas sobre sua idade, profissão, como utilizavam a prática da quebra do coco babaçu, as condições de trabalho, se gostavam da atividade, qual a finalidade da quebra do coco babaçu.

Segundo Neves (2004, p. 277), a história oral “[...] é um procedimento integral a uma metodologia, que privilegia a realização de entrevista e depoimentos, com pessoas que participaram de processos históricos ou testemunharam acontecimentos no âmbito da vida privada ou coletiva [...]”.

Assim, a presente monografia está dividida em dois capítulos. O primeiro capítulo é intitulado “A inserção feminina no mercado de trabalho no Brasil: entre trajetórias e dilemas” e o segundo capítulo com o título “As mulheres quebradeiras de coco babaçu em Caxias-Ma: um olhar sobre essa atividade feminina no mercado informal de trabalho”.

1 A INSERÇÃO FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL: ENTRE TRAJETÓRIAS E DILEMAS

No presente capítulo analisamos a inserção feminina no mercado de trabalho na segunda metade do século xx, destacando essa inserção tanto no mercado de trabalho formal. Essa análise foi feita a partir de uma revisão bibliográfica que contempla o olhar de autores sobre diferentes aspectos no que se refere ao trabalho feminino, como os tipos de atividades remuneradas, o apoio da família bem como os preconceitos, os assédios e os desrespeitos que cercavam o trabalho feminino.

Na sociedade brasileira da segunda metade do século xx os papéis de gênero eram bastante definidos onde para a mulher era destinado o espaço privado na qual deveria desempenhar com dedicação e zelo os papéis de esposa, mãe e dona de casa, papéis estes vistos como naturais e incontestáveis. Era nesse espaço que a mulher produzia grande parte do que seria consumido pela família.

Cabia a mulher educar os filhos e cuidar dos doentes, além disso seu trabalho englobava a fabricação de roupas, sabão, doces, geléias, manteiga, velas entre outros objetos que seriam utilizados na subsistência da família. Enquanto para os homens era reservado o espaço público, desempenhando o papel e provedor material. Segundo Carla Bassanezi:

[...] As distinções de gênero delegam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres e são considerados os chefes da casa: As mulheres, por sua vez são definidas a partir dos papéis femininos tradicionais (prioritariamente mães, donas de casa e esposas, vivendo em função do outro, o homem) e das características consideradas 'próprias das mulheres' englobadas do termo 'feminilidade' (Pureza, doçura, resignação, instinto materno etc) [...] (BASSANEZ,1993. p. 114).

Tendo em vista essa autoridade e poder que o gênero masculino exercia na sociedade do século xx, a autora mostra que o homem era o poder e tinha o pleno arbítrio de impor suas regras na família tanto na esposa quanto nos filhos e na casa. Essa opinião ainda é visto nos dias atuais, apesar das mulheres terem conquistado

os seus espaços, o preconceito quanto a inserção feminina no mercado de trabalho ainda prevalece na sociedade.

O fato de algumas mulheres no início do século XX terem abandonado o emprego em favor do casamento, da família e da maternidade comprovava que muitas ainda viam no lar uma carreira a ser seguida com total amor, responsabilidade e compromisso, apesar das mudanças que vinham acontecendo no papel feminino.

A dedicação da mulher a família, dar a entender que, se o casamento era a realização de um sonho para a mulher, então para o homem representava um tempo de desempenhar seu papel de produtor econômico. Pois para o homem tradicional o gênero masculino tinha a total responsabilidade do sustento familiar e para o homem a aceitação da inserção da esposa no mercado de trabalho nem sempre era admitida, julgando que o gênero feminino fosse incapaz de desempenhar seu papel de 'chefe da família'.

A opinião de que homens e mulheres são de gênero diferentes e que ambos nascem para exercer trabalhos diferentes faz parte de uma construção social e história. A participação feminina na economia ou em qualquer outro setor é percebida por alguns setores sociais como um problema nas relações de gênero e no papel de cada um na família. Segundo Guacira Lopes Louro:

[...] Numa outra posição, estarão aqueles/as que justificam as desigualdades sociais entre homens e mulheres remetendo - as características biológicas. O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. [...] (LOURO, 2008. p. 20-21).

Como podemos perceber na análise que a autora faz sobre os papéis de gênero no período entre 1945 a 1960, os espaços de homem e mulheres eram socialmente bem definidos, o que não impedia que algumas fossem além do espaço privado, inserindo-se no espaço público e exercendo atividade no mercado de trabalho:

[...] papeis seriam, basicamente padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar... Através do aprendizado de papeis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade [...] (LOURO, 2008. p. 24).

Partindo dessa análise, Guacira Lopes Louro (2008, p. 21) afirma que: “[...] para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mais sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos[...]”. Sendo assim, os sujeitos são identificados através das suas reações e comportamentos como masculino e feminino, onde o aspecto biológico possibilita a vivência da sua sexualidade. (LOURO, 2008. p.21 *apud* RODRIGUES, 2008, p. 7).

Durante muito tempo foi destinada a mulher o papel de dona-de-casa. Contudo, a Segunda Guerra Mundial contribuiu, em parte, para a inserção feminina no mercado de trabalho, uma vez que os homens foram solicitados aos campos de batalha e as mulheres de classe média e alta incentivadas a ocuparem seu espaço no mercado de trabalho. Assim conquistaram condições para atuar na vida pública e vivenciar experiências novas e aumentar sua auto-estima. Mesmo com esses grandes avanços proporcionadas às mulheres, o preconceito ainda permanecia.

No período da Segunda Guerra Mundial, o Brasil assistiu a participação da mulher no mercado de trabalho em uma grande escala. Mas com o fim da guerra o discurso da sociedade brasileira era o retorno da mulher ao lar. Como afirma Carla Bassanezi (2000, p. 608):

[...] Se o Brasil, à sua maneira, acompanhou as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina – impulsionadas com a participação das mulheres no esforço de guerra e reforçadas pelo desenvolvimento econômico, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade.

Contudo, a Segunda Guerra Mundial representava momentos cruciais no que se refere às mudanças no papel e na posição social da mulher brasileira, a entrada delas no mercado de trabalho em razão da escassez da mão-de-obra masculina foi a oportunidade de a mulher mostrar à sociedade que poderia também fazer outros serviços fora do lar assim mantendo responsabilidade e exercendo uma atividade reservada ao gênero masculino, atividade essa remunerada que estimulou a satisfação pelo trabalho público.

Com o fim da guerra, surgiu, por parte da sociedade e do gênero masculino, a rejeição ao trabalho feminino fora do lar que por meio de discursos solicitava o retorno da mulher ao lar assim deixando espaço no mercado de trabalho para ser ocupado pela grande massa masculina que voltava do combate. Enfim essa repercussão tomou todo o Brasil com a desculpa de que a mulher deveria exercer o papel de dona-de-casa e sua vida devia girar em torno do marido, da casa e dos filhos.

Eram bastante limitados os espaços, que as mulheres atuavam na sociedade como exemplifica Maria Lucia Rocha Coutinho (1994, p. 101):

[...] Uma carreira era praticamente inconcebível para a mulher nos anos 50 e início dos 60 e sua educação, percebida como um luxo, visava principalmente a criar mães melhores, companhias mais agradáveis para seus esposos e melhores companheiras para os maridos com carreiras. Embora algumas tenham ido à universidade, a carreira ou o curso universitário deveriam ser abandonados com o casamento. [...]

O fato das mulheres aceitarem que seu papel era a família, e sua educação familiar era aprender bons modos, ser companheira dos seus esposos, mãe presente, companhias agradáveis e mulheres felizes e capazes de fazer o marido e os filhos felizes e realizados. As mulheres que viviam na Zona Urbana dirigiram-se ao setor de transporte para trabalhar como motoristas de automóveis, nas indústrias e diferentes ocupações, nos comércios, nas repartições públicas, nas profissões liberais entre outras atividades.

[...] duas indústrias mudaram sua alocação de trabalho durante a Segunda Guerra Mundial, mas em nenhum momento questionaram a divisão sexual do trabalho ou a ideologia do lugar das mulheres. As mulheres tornaram-se membros ativos dos seus sindicatos durante os anos da guerra, mas isto não os beneficiou de maneira alguma após a guerra, quando as direções retornaram à divisão sexual do trabalho do pré-guerra. A discriminação racial para com os trabalhadores negros foi definitivamente reduzida, em resposta à atitude firme dos sindicatos. [...] (TILLY. 1994,p.57).

Entretanto, quando o gênero feminino no período da guerra tornaram-se membros de sindicatos assumiram postos masculinos no mercado de trabalho, tudo parecia 'normal'. A partir do momento em que os homens retornavam ao seu trabalho e ao lar a ideia de que o sexo oposto seria direcionado totalmente a família, ao esposo e ao lar ressurgia novamente.

Também nesse período o preconceito racial contra os trabalhadores negros se encontrava em auge. Esses trabalhadores encontraram junto aos sindicatos segurança e ajuda contra a discriminação e o preconceito. Sindicatos esses liderados e formados pelo gênero feminino que não aceitavam mais o preconceito contra mulheres, contra os negros e os pobres. Assim inicia a longa trajetória das mulheres na história, e dessa forma faz-se necessário apresentar o passado tentando entender os meios e mecanismos utilizados no decorrer da história que contribuíram para o respaldo das mulheres nos estudos históricos. Para tentar esclarecer a questão de gênero, Rachel Sohiet (1997, p.279) afirma:

[...] Gênero tem sido desde a década de 1970, o termo usado para teorizar a questão da diferença sexual. Foi finalmente utilizado pelas feministas Americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indica uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos 'sexo' ou diferença sexual [...].

Partindo dessa explicação, enfatiza-se que a construção de gênero surge no meio das relações da sociedade e que as diferenças estão na singularidade de cada sociedade. E que a palavra sexo se torna distinto ou separado quando se fala em

diferença sexual. Joan Scott (1995) destaca que o termo 'gênero' também indica as relações sociais entre os sexos. E que seu uso rejeita explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, umas delas é que as mulheres têm a capacidade para dar a luz e que os homens tem uma força muscular superior.

As diferenças entre os gêneros são bem visíveis em meio a sociedade principalmente pelo gênero masculino que não aceita ser substituído pelas mulheres no mercado de trabalho e que para os homens a mão-de-obra feminina no mercado de trabalho seria um verdadeiro afronto, algo que deveria ser contido.

A noção de gênero diz respeito a uma identidade sociocultural atribuída a cada sexo, influenciando os comportamentos do homem e da mulher. Dessa forma, o gênero, longe de ser um fenômeno estático, interage com outras expressões culturais de uma determinada sociedade (como raça, religião, idade, classes sociais, etc.) que também participam da construção de identidades, uma vez que só existe se for culturalmente construído, o gênero ultrapassa as questões de sexo (simples determinante físico e anatômico dos seres humanos). (LEITE, 2007. p.194).

Portanto, as mulheres tiveram a oportunidade de vivenciar experiências novas que transmitia um ar de liberdade que jamais elas tiveram. Devido aos limites impostos ao seu gênero elas foram incentivadas a deixar os serviços considerados próprios para os homens. Essa realidade também se configurou no Brasil.

O trabalho feminino era considerado secundário isto porque o homem assumia ainda o papel de chefe da família, aquele que era responsável pela família e nessa concepção as mulheres poderiam receber salários mais baixos já que essa função era apenas de complementar a renda.

Em vários países, no decorrer do século XX, as mulheres, por exemplo, conseguiram se afirmar como profissionais e ganhar independência financeira. Muitas alcançaram melhores condições de trabalho e conquistaram o direito de estudar em instituições de ensino superior.

Voltando à inserção no mercado de trabalho houve uma grande mudança no comportamento feminino. Elas alcançaram a liberdade para dirigir automóveis, passaram a usar cosméticos e roupas mais confortáveis que lhes permitiram comodidades. Apesar dos preconceitos, dos sofrimentos, das angústias e das dificuldades vividas, o trabalho proporcionou as mulheres muitas conquistas que contribuíram para a emancipação feminina.

O papel desempenhado pelas mulheres na sociedade era uma visão de tempos de mais igualdade nas relações de gênero. Porém sua liberdade não significa a solução, mas sim o começo de vitórias resultados de uma intensa luta dessas mulheres.

Para surpresa de sua família e da sociedade muitas mulheres usavam sinais exteriores de sua liberdade. Várias utilizavam uma linguagem que chocaram suas mães, muitas bebiam em lugares públicos e aprenderam o hábito de fumar, entre outros. Antes da guerra, haviam entrado na moda os sutiãs e as saias curtas. E durante a guerra o gênero feminino substituiu os corpetes (roupa íntima feminina que cobria da cintura ao busto) e os vestidos. Com isso as mulheres haviam dado o passo inicial para serem reconhecidas como cidadãos iguais e a compreensão das mulheres do que eram e do que gostariam de ser.

A Sociedade na contemporaneidade preconiza o papel feminino no cenário das conquistas efetivadas a partir do Séc. XX, como colocado por Alves (2003, p. 15):

A emancipação feminina tornou-se pública, quando motivos históricos aliados á causas políticas, ao desenvolvimento industrial, ao progresso científico e ao desenvolvimento dos meios de comunicação, retiraram definitivamente as mulheres do reduto doméstico, inserindo-as voluntária ou involuntariamente no universo, até então de domínio exclusivamente masculino.

Diversos fatores contribuíram para a inserção feminina no espaço público desde questões sociais, econômicas e políticas. A Mulher na contemporaneidade pode ser definida, em seu sentido amplo como afirma Lipovetsky (200, p.236):

Desvitalização do ideal da mulher no lar, legitimidade dos estudos e do trabalho feminino, direito do voto, 'descasamento', liberdade sexual, controle da procriação: manifestações do acesso das mulheres á inteira disposição de si em todas as esferas da existência, dispositivos que constroem o modelo da 'terceira mulher'.

Segundo dados do IBGE, censo demográfico 2000/2010, houve um crescimento expressivo das famílias tendo como responsável pelo sustento o sexo feminino, inclusive daquelas que contavam com a presença de cônjuge. Os motivos para este aumento podem ser creditados a uma mudança de valores culturais relativas ao papel da mulher na sociedade brasileira.

O ingresso maciço no mercado de trabalho, o aumento da escolaridade em nível superior combinados com a redução da fecundidade são fatores que podem explicar este reconhecimento da mulher como responsável pela família. Assim, no censo de 2000 apresentava 22,2 % de famílias chefiadas por mulheres, sendo que o censo de 2010 apresentou crescimento significativo de 37,3%.

Quanto à participação da mulher no mercado de trabalho a análise por grupos etários mostrou que, em 2011 segundo o IBGE, cerca de 63,9% das mulheres ocupadas tinham entre 25 e 49 anos de idade. Entre os homens, este percentual foi de 61,0%. A proporção da população feminina de 50 anos ou mais de idade na população em idade ativa (PIA) era de 31,4%, enquanto a dos homens foi de 26,9%.

Já as mulheres ocupadas com 50 anos ou mais de idade alcançavam 20,9%, percentual próximo ao dos homens ocupados nessa mesma faixa etária, de 22,9%. Comparando com os resultados de 2003, o grupo de pessoas com 50 anos ou mais idade, foi o que teve maior crescimento na população ocupada, aproximadamente, 50 pontos percentuais para ambos os sexos.

Ressalta-se que esse grupo etário foi o que mais cresceu na PIA nos últimos anos, de 23,3% em 2003 para 30,1% em 2011, contra 44,9% em 2003 para 43,4% em 2011 na faixa de 25 a 49 anos de idade. Dessa forma, pode-se perceber que o envelhecimento da população ocupada reflete o da população em geral.

O crescimento da população ocupada nos serviços prestados à empresas refletiu-se no crescimento da presença de homens e mulheres nessa atividade. De 2003 para 2011, o crescimento foi de 3,2 pontos percentuais (de 11,6% para 14,9%) entre as mulheres e de 2,3 pontos percentuais entre os homens (de 14,8% para 17,0%).

Nos outros serviços, as mulheres também apresentaram crescimento no período: 1,2 ponto percentual (de 15,1% para 16,2%), contra 0,38 ponto percentual (de 18,6% para 19,0% dos homens). O predomínio da presença feminina na administração pública manteve-se estável nesses 8 anos, seguido pela a ocupação das mulheres no comércio.

Por outro lado, caiu o percentual de mulheres ocupadas nos serviços domésticos, de 16,7% para 14,5%: queda de 2,2 pontos percentuais. Em 2003, dos homens ocupados, 21,9% estavam no comércio, caindo para 19,6% em 2011. A população ocupada masculina manteve-se praticamente estável na indústria e nos outros serviços.

Das mulheres ocupadas no mercado de trabalho em 2011, 22,6% estavam no setor público, enquanto entre os homens, esse percentual era de 10,5%. Analisando a distribuição da população ocupada, exclusivamente no setor público, ele era composto por 55,3% de mulheres e 44,7% de homens.

As mulheres trabalharam, em média, 39,2 horas por semana em 2011, não apresentando variação significativa em relação a 2003. Em 2011, as mulheres que tinham de 8 a 10 anos de estudo apresentaram a maior média de horas semanais habitualmente trabalhadas (39,8 horas) assim como em 2003.

O grupo de mulheres que concluiu o nível superior, em 2003, apresentava a menor média de horas trabalhadas semanalmente, 37,2 horas, entretanto, entre 2003 e 2011, este grupo apresentou aumento de 0,7 horas na média de horas trabalhadas, sendo o maior aumento entre todos os grupos de anos de estudo.

Para os grupos de mulheres com mais escolaridade a média do número de horas trabalhadas aumentou, ao passo que para aqueles que tinham menos que 8 anos de estudo foi possível verificar redução. As mulheres com nível superior completo apresentaram 0,7 horas de aumento. Já aquelas com 4 a 7 anos de

estudo, 1 a 3 anos de estudo e sem instrução e menos de 1 ano de estudo apresentaram reduções de 0,4, 0,3 e 1,1 horas, respectivamente que no âmbito das mulheres sem instrução. No contexto social no que tange a sua relação de trabalho, insere-se a mulher quebradeira de coco, tema discutido no próximo capítulo.

2 AS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU EM CAXIAS-MA: UM OLHAR SOBRE ESSA ATIVIDADE FEMININA NO MERCADO INFORMAL DE TRABALHO

Antes de nos determos especificamente ao trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu é necessário abordar sobre todo o processo do seu extrativismo.

O extrativismo do babaçu constitui uma das atividades econômicas mais importantes do Estado do Maranhão, também conhecido como "terra das palmeiras". Entre as espécies de palmeiras nativas existentes no Estado, as mais significativas do ponto de vista econômico, são o babaçu e a carnaúba. Mas também são importantes localmente o buriti, a juçara e a bacaba.

Na composição da economia do Estado também se destacam as atividades agropecuárias e as indústrias de transformação de alumínio, alimentícia e madeireira. Entre os principais produtos agrícolas cultivados encontram-se a mandioca, o arroz, o milho, a soja e o feijão.

A pecuária desenvolvida no Estado do Maranhão incluía, em 1992, quatro milhões de cabeças de gado bovino; três milhões de suínos; 500 mil caprinos; 287 mil eqüinos; e 18 milhões de aves. Existem ainda reservas de calcário, que corresponderam a uma produção de 330,7 mil toneladas no Estado, em 1992.

Beneficiado pela situação geográfica as condições naturais e a grande variedade de paisagens, principalmente a mata característica. O extrativismo maranhense se destaca no cenário nacional pela quantidade e variedades de produtos, sendo uma das principais atividades econômicas do Estado.

Entre os produtos podemos destacar o Babaçu, que é a maior riqueza do extrativismo maranhense, pois trata-se do produto de exportação mais importante do Estado na qual o Maranhão apresenta a maior produção nacional.

O babaçu é extraído pelo pequeno agricultor de forma bastante rudimentar, principalmente pela população feminina, onde a renda é obtida através da troca por gêneros de consumo nas quitandas. Os maiores focos dos babaçuais encontram-se nos vales dos principais rios maranhenses, na mata de transição.

Palmeira oleaginosa (*Orbignya martiana*) de grande valor comercial e industrial, o babaçu é encontrado em extensas formações naturais nos Estados do Maranhão e Piauí, responsáveis por mais de 90% da produção do País. Uma das mais valiosas palmeiras do Brasil, o babaçu chega a alcançar 20 metros de altura e possui um conjunto de folhas longas, com mais de seis metros de comprimento.

Teresinha Queiroz (2006) ao destacar a exportação do babaçu piauiense relata que os mercados consumidores no exterior até a década de 1930 eram a Alemanha, a Holanda, Portugal e Dinamarca, enquanto que os derivados eram voltados para o atendimento da demanda interna. Esta realidade, por sua vez, não se diferenciava tanto do cenário maranhense, tendo em vista a importância do babaçu na sua economia e realidade social.

Os frutos têm a forma de amêndoas e podem chegar a 15 cm de diâmetro em sua parte mais larga. Do babaçu se extrai a matéria-prima utilizada na fabricação de margarinas, banha de côco, sabões e cosméticos. O resíduo da extração, chamado "torta de babaçu", é útil como forragem para o gado. O broto fornece palmito de boa qualidade e o fruto, enquanto verde, serve aos seringueiros para defumar a borracha. Ao amadurecerem, suas partes externas são utilizadas como alimentos.

O caule se emprega em construções rurais e das folhas se fazem coberturas para casas ou cestos fabricados no âmbito da indústria doméstica. Podem também ser utilizadas na fabricação de celulose e papel. Como acontece com outros tipos de palmeiras, do pedúnculo cortado pode ser extraído um líquido que, fermentado, produz bebida alcoólica muito apreciada por indígenas da região.

O Maranhão possui uma diversidade imensa de vegetação, indo desde o cerrado (centro, sul e leste do Estado) até a vegetação amazônica ao oeste. Mesmo diante dessa variabilidade da vegetação, em 80% do território estadual há a ocorrência de coco babaçu, palmácea nativa que historicamente tem assumido importância econômica e social para o Estado em função da exploração de vários subprodutos, seja para a construção de moradias (palha e talo), como combustível (endocarpo, carvão) ou para o uso consultivo (amêndoa, mesocarpo e palmito).

Diante dessa conjuntura, o extrativismo do babaçu passa a representar importante temática a ser abordada pela História, não apenas por sua importância

econômica ou social, mas pela forma de organização das comunidades extrativistas com a figura marcante da quebradeira de coco.

As quebradeiras de coco babaçu fazem parte de um movimento social feminino que combina consciência ecológica, saberes vivenciados pela prática e detenção da autonomia da produção, formando uma identidade coletiva.

Segundo Maria da Glória Gohn (2010, p.93), “as mulheres sustentam, majoritariamente, as redes solidárias de projetos sociais que trabalham no campo da economia solidária, a exemplo das Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu, que abrange vários estados do Norte e Nordeste [...]”.

O ritmo intenso emitido pela ação de mulheres em grupo sentadas ao chão com uma das mãos segurando o babaçu sobre a lâmina do machado, na qual um de suas pernas prende-o. Fazendo uso de sua outra mão arremete o taco de madeira no propósito de retirada da amêndoa. Mulheres jovens, adultas ou idosas, negras, brancas ou de outras etnias raciais.

Em diferentes lugares do Brasil, as quebradeiras de coco desenvolvem percursos em grupo geralmente ao amanhecer do dia em direção aos babaçuais. Assim, ao escolherem as palmeiras dar se o início da coleta, quebra e extração da amêndoa, entonada por cantorias, conversas e desabafos. A imagem a seguir mostrar o momento da quebra do coco babaçu:



Foto 1: Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu

Fonte: Google imagens

Elas desempenham na agricultura uma dupla jornada, já que além do trabalho produtivo propriamente dito (na roça e no extrativismo), são também donas de casa, educadoras etc. Por outro lado, essa sua posição no trabalho extrativo do babaçu dá à mulher um “status” e uma responsabilidade que é a da manutenção da família, durante a safra do babaçu (setembro a fevereiro).

Durante esse período, através da venda do babaçu, conseguem manter a subsistência da casa, já que a roça está em fase de preparação. Embora essa renda não seja significativa (para os padrões da agricultura comercial), ela é essencial e, às vezes, a única fonte disponível de renda (diária) com que essas mulheres podem contar, com segurança. As outras fontes de renda (trabalho temporário, doméstico, artesanal) dependem de terceiros e são conjunturais.

Caxias é um município do estado do Maranhão. É a quarta maior cidade do estado, com uma população de 155. 129 habitantes e área de 5. 150,667 km². A cidade pertence à Microrregião de Caxias sendo entrecortada por um manancial composto do Rio Itapecuru e seus afluentes.

É um dos maiores centros econômicos do estado pelo seu desempenho nos setores da indústria e um importante centro político, cultural e populacional do estado. Sendo esta conhecida como terra das águas cristalinas, destacando-se como cidade portadora de futuro, pois em seu entorno, gravitam muitos municípios com muita vegetação e chuvas bem distribuídas ao longo do ano, favorecendo a indústria, o agronegócio e o turismo.

Segundo o IBGE, a população de Caxias em 1980 era de 125.507 habitantes, atingindo em 2000 o valor de 139.756 habitantes e em 2010, esta área apresenta cerca de 160 habitantes. O incremento populacional de Caxias de 1980 a 2010 é resultado do crescimento natural e a estimativa para 2013 era de 158,059 habitantes.

No período de 1991-2000, a população de Caxias teve uma taxa média de crescimento anual de 0,72%, passando de 131.345 em 1991 para 139.756 em 2000. A taxa de urbanização cresceu 74,05% de 2000 para 75,80% em 2007. Apesar de ser relativamente distante cerca de 281Km da capital São Luís e conseqüentemente da região litorânea, Caxias integrou-se economicamente com o Leste do Estado a

fronteira piauiense, com efeito, apresenta taxas de densidade demográfica elevadas, de 30,12 hab./Km².

Caxias abriga uma diversidade de biomas e formações vegetacionais que inclui de cerrado a região de cerradões, mata de galeria ou ciliares, carrasco ou matas secas, vegetação hidrófila, vegetação de pequeno porte e áreas de transição entre esses ecótonos. (DIAGNÓSTICO AMBIENTAL, GEOMORFOLÓGICO E CLIMÁTICO DO MUNICÍPIO DE CAXIAS/MA 2006).

No estado do Maranhão as palmeiras de babaçu aparecem com frequência nas faixas de transição limítrofes da floresta latifoliada equatorial, a referida área que compreende o município de Caxias sendo uma região de transição entre a zona dos cocais a pré - Amazônia e o cerrado, onde a vegetação encontrada são babaçuais densos e puros, cerrados, matas galerias ate uma vegetação composta de matas secas a qual chamamos de carrasco. (DIAGNÓSTICO AMBIENTAL, GEOMORFOLÓGICO E CLIMÁTICO DO MUNICÍPIO DE CAXIAS/MA 2006).

Observando a tendência da População Economicamente Ativa (PEA) dos últimos 10 anos medidos pelos indicadores de renda, pobreza e desigualdade econômica do Município de Caxias de 1991 a 2000, a renda per capita média cresceu 44,14%, passando de R\$ 72,15 em 1991 para R\$ 104,00 em 2000 (IBGE, 2012).

A pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 11,74%, passando de 75,8% em 1991 para 66,9% em 2000 (IBGE, 2012).

Dentre as atividades econômicas encontradas em Caxias, a mais importante é a agricultura seguida da pecuária e do extrativismo. O sistema de plantio utilizado na área é o tradicional, a agricultura de subsistência, principalmente nas culturas temporárias como do arroz, milho, mandioca, melancia e feijão. Contudo a lavoura de Cana-de-açúcar e soja utiliza técnicas mais modernas. Vejamos os dados da tabela 1:

Tabela 1: Quantidade Produzida: Lavoura Temporária

Produto	Quantidade produzida (t)
Cana-de-açúcar	130.694
Arroz (em casca)	10.251
Milho (em grão)	3.498
Mandioca	3.430
Soja (em grão)	2.565
Melancia	413
Feijão (em grão)	206

Fonte: IBGE, Produção Agrícola Municipal 2011.

A lavoura permanente utiliza técnicas mais modernas, já que é voltada para o agronegócio, como é o caso da banana, laranja, coco-da-baía, manga e castanha de caju. A produção é destinada principalmente para abastecer Teresina-PI, Timon-MA e região de Caxias.

Tabela 2: Quantidade Produzida: Lavoura Permanente

Produto	Quantidade produzida	Unidade
Banana (cachos)	339	Toneladas
Laranja	56	Toneladas
Coco-da-baía	45	Mil frutos
Manga	14	Toneladas
Castanha de caju	05	Toneladas

Fonte: IBGE, produção agrícola municipal 2011.

Contudo, segundo o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2012), o extrativismo não configura como atividade econômica principal desta área, entretanto o babaçu é o principal produto. Nisto, ressalta-se a exploração extrativa com a madeira em tora, destinada principalmente para a construção civil, lenha para a panificação e a fabricação de móveis, e o carvão vegetal. A exploração é feita através do sistema tradicional e a produção é destinada ao mercado local.

Neste contexto, podemos destacar o papel das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Mulheres que buscaram na região em que moravam a oportunidade de garantir um rendimento financeiro mediante o seu trabalho. Exemplo disso é a trajetória vivida por Francisca Pereira de Sousa, quebradeira de coco de 49 anos, a mesma relata que:

Iniciei meus trabalhos nos babaçuais aos seis anos de idade, acompanhando minha avó nesta idade, ela quebrava e eu retirava a amêndoa. A necessidade na época foi o motivo que levou eu a acompanhá-la, as coisas difíceis, não tinha escola perto e o apelo foi a roça ou a quebra do babaçu. Todos da casa tinham que quebrar podia ser homem, mulher, criança quem pudesse quebrava e não podendo se reclamar de nada. O lucro pouco era só para garantir o sustento de cada dia, tendo que quebrar no outro dia seguinte. Com a quebra do babaçu comprava-se arroz, sabão, farinha...tudo só não água. (SOUSA, 2014)

Como podemos perceber no relato acima, as mulheres pobres iniciavam ainda crianças as suas atividades na roça e na quebra do babaçu. O trabalho era feito por toda a família com a finalidade de contribuir nas despesas familiares. O difícil acesso as escolas levava as mulheres pobres a enveredarem para o mercado informal de trabalho.

Analisando a realidade de mulheres que ingressaram no setor informal de trabalho, Carla Rodrigues afirma que:

O mercado de trabalho formal exigia qualificação profissional, o que, obviamente, excluía as mulheres que não tinham condições de investir em educação e nos cursos disponíveis na cidade [...]. As mulheres oriundas das camadas populares tiveram que abandonar ainda jovens seus estudos para

se dedicarem às atividades que garantissem a sua sobrevivência e da família, mais precisamente as atividades do setor informal que não fazia exigências quanto ao grau de estudo. Esse setor foi responsável por absorver um grande número de mulheres desempregadas. (RODRIGUES, 2008, p. 60)

A atividade da quebra do coco babaçu foi passada de geração a geração. No entanto, as mudanças que ocorreram no Brasil no campo econômico e social tem levado a redução do número de mulheres que ainda exercem este tipo de atividade como mostra a entrevista de Francisca Pereira de Sousa:

Hoje as coisas mudaram, melhorou com o bolsa família. Hoje só quebro coco para tirar o azeite, mais daqui uns dias nem vou quebrar mais. Com a quebra do coco eu tirava azeite, fazia sabão de soda (sódia) e outras coisas. Para mim a quebra do coco era tudo, pois eu não tinha nada e agradeço a Deus por ter colocado a palmeira babaçu. (SOUSA, 2014).

Na entrevista, podemos perceber que a atividade da quebra do coco babaçu foi perdendo importância na vida de algumas mulheres que passaram a contar com a ajuda financeira do governo através de programas sociais. Contudo, devemos ressaltar que muitas mulheres a exemplo de Dona Francisca reconhecem por meio de suas memórias o papel do babaçu em suas vidas, possibilitando em tempo difíceis uma renda, a produção de bens para o consumo e por que não momentos de descontração que acontecia durante a atividade, pois ao mesmo tempo em que as mulheres quebravam coco, conversavam sobre diversos assuntos em meio a risos e planos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mulher quebradeira de coco apesar das dificuldades de manter as atividades de coleta e quebra do coco babaçu realizou o seu trabalho como forma de prover a sua subsistência, sendo uma prática presente na região do Maranhão. Estas veem em seu trabalho extrativista nos babaçuais, sua subsistência tanto para sua família quanto para seu próprio sustento.

Essa prática em algumas famílias foi passada de geração a geração. Mulheres que em grupos adentravam aos babaçuais para dilacerar as amêndoas, constituindo em uma realidade de muitas mulheres maranhenses. São elas extrativistas que sobrevivem das perspectivas de encontrar palmeiras em áreas de difícil acesso, e consumir destas palmeiras o seu sustento.

No entanto, a realidade de muitas hoje, não se atrela as condições do passado. Muitas, não dependem apenas da quebra do coco para o sustento da família, devido a alguns programas sociais. Assim, para muitas destas mulheres a quebra do coco é apenas um meio de produzir o seu azeite, o seu leite o seu carvão.

REFERÊNCIAS E FONTES

1 Livros e artigos

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 607 – 639.

BASSANEZI, Carla. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal (1945-1960). **Cadernos Pagu**, Campinas, n.1, p. 111-148, 1993.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEITE, Juçara Luzia. Um Espírito Santo com muitas histórias. IN: FOESTE, Erineu; FOERTE, Genda, LINS, Andréia. **Caderno de formação de professores do campo**, v.2, p.79-88. Vitória: UFES/PPGE. 2007.

LIPOVETSKY, Gilles **A terceira mulher - permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NEVES, Lucília de Almeida. Os desafios da história oral – ensaio metodológico. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea da Paz (Orgs.). **Cidade, História e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2004. p. 273-294.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, Carla Daniela Alves. **Além do forno e fogão: as influências do trabalho remunerado no comportamento feminino em Teresina (1950-1960)**. (Monografia). Graduação em História. Universidade Estadual do Piauí, Teresina, 2008, 140 p.

QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo**. Teresina: EDUFPI, 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

TILLY, Louise A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, p. 29-62, 1994.

2 Fontes

Diagnóstico ambiental, geomorfológico e climático do município de Caxias/Ma, 2006.

IBGE. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE. v. XV 1959.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. <<http://www.ibge.gov.br>>. 20/abril/2013.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal. 2011**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012

IBGE. **Produção da Extração Vegetal e da Silvicultura. 2011.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

SOUSA, Francisca Pereira de. **Entrevista concedida a Fabrícia Dias Gomes.** Caxias, março, 2014

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1-Qual o seu nome completo?

2-Qual sua idade hoje?

3-Quando você iniciou sua vida nos palmeirais, na quebra do coco?

4-Quais motivos levaram a você ser quebradeira de coco?

5-Quais eram seus lucros?

6-Hoje. Você possui as mesmas necessidades, que levaram a quebra do coco?